

Prefácio

EMÍLIA ARAÚJO, EDUARDO DUQUE, MONICA FRANCH & JOSÉ DURÁN

O presente *ebook* compõe-se do conjunto de comunicações apresentadas no seminário “Tempos Sociais e o mundo contemporâneo – fases, crises e ruturas”, realizado em novembro de 2013, na Universidade do Minho. Os textos que se apresentam vertem as influências disciplinares dos diversos autores, apresentando pontos de vista específicos sobre diversos fenómenos analisados, na perspectiva do tempo e das temporalidades.

Michelle Bastian afirma que o tempo não é um recipiente neutro para a vida social, mas uma fonte de valores, conceitos e lógicas que são usados para negociar a complexidade da vida social. Com efeito, as sociedades atuais são marcadas por vários processos de transformação que implicam alterações significativas na forma de perceber e de usar o tempo. Algumas das palavras mais frequentes usadas na classificação do estado do social e do político são crise, fase e rutura. Trata-se de palavras aplicadas aos mais diversos níveis. Porque são socialmente constituídas, traduzem os modos pelos quais a sociedade se pensa e analisa a si própria. É nesse sentido que merecem ser estudadas. Qualquer uma destas palavras contém a ideia de corte num determinado processo temporal com características próprias e qualquer uma delas contem, em potência, a sua superação. Tem primeiramente, um papel substantivo na forma como permitem uma certa leitura da sociedade atual. Um número crescente de autores tem vindo a dar atenção ao surgimento de novas experiências e expressões de tempo que consideram ser um resultado de tendências contemporâneas que caracterizam a expansão da sociedade em rede, da digitalização, das novas formas de interação e mediatização individual e institucional, assim como da aceleração (Hassan, 2010; Hope, 2009; Rosa, 2005; Scheuerman, 2004). Ideias tais como o fim do futuro, recessão, desigualdades temporais, surgimento de identidades em fluxo, e, ainda, as novas percepções sobre o passado, o presente e o futuro são exemplos das temáticas em discussão.

Mas, as palavras “crises”, “fases” e “ruturas” também designam processos temporais inerentes à vida biológica, social e política não atribuídos a qualquer circunstância histórica específica. Há vários fenómenos bio-sociais cuja existência e desenvolvimento implicam a crise, a rutura e a experiência da fase. É certo que os contextos históricos e socioculturais influem sobre cada uma dessas experiências e nas significações por elas produzidos. Mas, trata-se, em geral, de fenómenos inerentes a cada sistema, representando, por vezes a constituição de novos estados, ou apenas a sua renovação e reequilíbrio.

O leque de textos que apresentamos a seguir inclui, assim, diversos pontos de vista sobre vários fenómenos sociais que implicam momentos e durações de e em rutura, tais como o desemprego, a doença, a morte, a emigração e a religião.

REFERÊNCIAS

Hassan, Robert (2010). “Social acceleration and the network effect: A defence of social “science fiction” and network determinism”. *The British Journal of Sociology*, 61(2), 356–374.

Hope, Wayne (2009) "Conflicting Temporalities State, nation, economy and democracy under global capitalism", *Time & Society*, 18, 1, 62–85.

Rosa, Hartmut (2005). "The speed of global flows and the pace of democratic politics". *New Political Science*, 27, 445–459.

Scheuerman, William (2004). *Liberal Democracy and the Social Acceleration of Time*. Baltimore, MD: Johns Hopkins University Press.